

FERNAND BRAUDEL E A PRIMEIRA GERAÇÃO DE HISTORIADORES UNIVERSITÁRIOS DA USP (1935-1956): NOTAS PARA ESTUDO

Paulo Henrique Martinez

Professor no Departamento de História da UNESP, Assis/SP

Resumo

Este texto sugere caminhos de análise para elucidar o trabalho dos primeiros historiadores formados na Universidade de São Paulo e a atuação de Fernand Braudel na disseminação de práticas intelectuais de ensino e pesquisa nos estudos históricos no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1950.

Abstract

This paper approaches the work of the first historians trained at the University of São Paulo and Fernand Braudel's contribution to the diffusion of intellectual praxis of teaching and of research in historical studies in Brazil between 1930 and 1950.

Palavras-Chave

Universidade • Historiografia • Fernand Braudel • *Annales* • Biografia

Keywords

University • Historiography • Fernand Braudel • *Annales* • Biography

Avaliações e análises sobre a presença francesa na trajetória da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo emergem, rotineiramente, em eventos, debates e publicações universitárias. Um exame das relações intelectuais da historiografia brasileira com as interpretações teóricas e metodológicas formuladas pelo historiador francês Fernand Braudel (1902-1985) pode colaborar com esse esforço de compreensão, sugerindo temas e indagações para futuros estudos e questionamentos. Nestas páginas procuro delinear alguns problemas, propor caminhos para análises e apontar núcleos de fontes e documentos sobre essa temática¹.

A passagem de Fernand Braudel pela Universidade de São Paulo, entre 1935 e 1937 e, novamente, em 1947 marcou toda uma geração de historiadores iniciantes, formados na subseção de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Um projeto intelectual, didático e investigativo foi legado e posto em execução por aqueles alunos de Braudel, notadamente a partir dos anos 1940. Entre outras iniciativas figuram a realização de estudos, pesquisas e cursos, a organização de uma Sociedade de Estudos Históricos (1942) e a criação da *Revista de História* (1950). Os nomes de Alice Pieffer Canabrava, Astrogildo Rodrigues de Mello, Eduardo D'Oliveira França, Eurípedes Simões de Paula, Odilon Nogueira de Matos, posteriormente professores da Universidade de São Paulo, e mesmo o de Caio Prado Júnior, renomado enquanto historiador de orientação marxista, são os principais expoentes da constelação de alunos que tiveram Fernand Braudel como professor na cadeira de História da Civilização, entre 1935-1937. Nos anos seguintes, este grupo de historiadores com formação universitária deu prosseguimento ao programa de atividades pedagógicas, de estudos e pesquisas pautado pelas formulações de Fernand Braudel em sua primeira temporada no Brasil.

O trabalho intelectual e institucional de Braudel fez de seu nome uma importante referência nos estudos históricos na segunda metade do século XX. Professor de

¹ Ver, entre outros, MICELI, Sérgio (Org.) – *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo. Vértice/IDESP/FINEP, 1989 (2 vols.); MASSI, Fernanda Peixoto – *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. Campinas. UNICAMP, 1991 (Dissertação de Mestrado – Antropologia) Mimeo. e FREITAS, Sônia Maria de – *Reminiscências*. São Paulo. Maltese, 1993.

História na Argélia (1923-1932), de História da Civilização na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1935-1937, 1947), diretor de estudos na *École Pratique des Hautes Études* e presidente de sua IV Seção (1956-1962), diretor dos *Annales: économies, sociétés, civilisations* (1947-1968), publicação célebre e impulsionadora da moderna historiografia francesa, sucessor de Lucien Febvre no *Collège de France* (1949), fundador da *Maison des Sciences de l'Homme* (1962) e membro da Academia Francesa (1984), Braudel ocupou posições de grande destaque no cenário intelectual e cultural da França.

Os esforços pessoais e profissionais de Fernand Braudel catalisaram o espírito de renovação do conhecimento histórico disseminado por Marc Bloch e Lucien Febvre, a partir da década de 1920, aglutinado em torno destes dois historiadores e, desde 1929, nos *Annales d'histoire économique et sociale*, sobretudo ao longo das décadas de 1950 e 1960. Neste período, Braudel consolidou e estreitou uma malha de contatos e relações intelectuais, profissionais e institucionais em distintos países da América Latina e da Europa. O Brasil teve, seguramente, um papel destacado nesta teia de estudos históricos. A vitalidade destas relações profissionais e pessoais, aliada à importância cultural do período em que viveu e trabalhou na FFCL/USP, foram impulsionadores consistentes do prestígio intelectual que Fernand Braudel angariou, desde então, dentro e fora de seu país de origem. Entre outros indicadores desta pujança, figura o próprio eco de suas proposições teóricas e metodológicas no Brasil dos anos 1940-1950. O relacionamento intelectual de Fernand Braudel com historiadores brasileiros, iniciado na década de 1930, surtiu efeitos marcantes na produção do conhecimento histórico, resultando em traços bastante singulares da reflexão histórica na França e no Brasil de meados deste século².

A problemática da produção do conhecimento histórico no Brasil e a preparação de professores encarregados do ensino de História foram preocupações vivas e dinâ-

² Sobre a vida e a obra de Fernand Braudel: GEMELLI, Giuliana – *Fernand Braudel*. Trad. B. Pasquet et B. P. Marzi. Paris. Odile Jacob, 1995, e DAIX, Pierre – *Fernand Braudel: uma biografia*. Trad. C. Marques. Rio de Janeiro. Record.1999.

micas para a primeira geração de historiadores universitários da FFCL/USP, embora não tenham permanecido confinadas a esta, ecoando ainda na posteridade. O período 1935-1956, porém, foi um momento chave da produção historiográfica brasileira, marcado pela geração do conhecimento histórico sob padrões do trabalho intelectual cientificamente orientado e a partir das estruturas de um sistema universitário. O diálogo com essa tradição intelectual nos estudos históricos, a da moderna historiografia francesa, com forte e destacada presença nos ambientes culturais e universitários de inúmeros países, entre os quais o Brasil, pode conduzir a uma compreensão melhor abalizada da recepção dos instrumentos conceituais, métodos de trabalho, práticas de estudo, ensino e pesquisa em História, transplantados para a FFCL/USP por intermédio dos integrantes da missão francesa. Entre os participantes deste empreendimento cooperativo internacional, o nome de Fernand Braudel desponta como referência maior, devido à repercussão de sua permanência no país e a nucleação de estudantes em torno de sua pessoa. Em outras ocasiões, também estiveram presentes outros historiadores franceses, como Émile Coornaert, Émile G. Léonard e Jean Gagé. Foi deste núcleo de profissionais que brotou o esforço de implementação do padrão de trabalho intelectual, em geral, e historiográfico, em particular, realizado por alunos da 5ª Subseção – Geografia e História da FFCL/USP, nas décadas de 1940-1950. Inicialmente disseminadas pelos mestres franceses, as proposições teóricas e metodológicas dos *Annales*, por exemplo, ganharam adeptos, porta-vozes, divulgadores e promotores de seu programa de trabalho para o conhecimento histórico no Brasil. Partindo do exame da presença de Fernand Braudel, pode-se verificar o significado das relações da historiografia brasileira com os demais professores franceses, também marcantes, como foi o caso de Jean Gagé³.

A compreensão daí resultante pode abrir outras perspectivas para a reflexão sobre as condições da produção do conhecimento histórico e da própria realização do trabalho intelectual no Brasil contemporâneo, tanto nas universidades como em ins-

³ Ver CAMPOS, Pedro Moacyr – “O professor francês: Jean Gagé”. In *Revista de História*, São Paulo, 52 (I): 723-731, 1975.

tuições de estudos, de pesquisa e de ensino superior. Nesta perspectiva, a experiência universitária ocorrida em São Paulo teve reconhecida projeção cultural. Análises, estudos e depoimentos sobre a trajetória e o significado cultural da Universidade de São Paulo e de sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras têm destacado a absorção de técnicas, métodos de trabalho e concepções teóricas e metodológicas características da época de sua criação e que, por distintos caminhos, modelaram a feição institucional desta universidade⁴. Diferentes áreas de conhecimento, sobretudo aquelas agrupadas na FFCL, experimentaram um verdadeiro “enraizamento” de formas e concepções de trabalho intelectual organizado em moldes científicos. Notadamente, a disciplina histórica foi um destes casos, adquirindo e incorporando novas colorações à composição teórica e metodológica anteriormente existente nos estudos históricos no Brasil⁵.

O aprofundamento da compreensão da produção do conhecimento histórico no país, através do estudo da circulação das idéias e propostas teóricas e metodológicas e da adoção do padrão científico de trabalho intelectual, dentro e fora das universidades, tem sistematicamente chamado a atenção de historiadores brasileiros, em distintos momentos da vida nacional. Um exercício constante de estudos e pesquisas tem sido realizado em torno de tais problemáticas, em que despontam quadros e análises expressivos do universo dos historiadores brasileiros. Basta lembrar, entre outros exemplos, as várias obras pioneiras de José Honório Rodrigues, de José Roberto do Amaral Lapa, Carlos Guilherme Mota, Carlos Fico e Ronald Polito, Maria Helena R. Capelato ou ainda o recente balanço de José Jobson de Andrade Arruda e José Manuel Tengarrinha, que recobrem o arco temporal da década de 1950

⁴ Ver, por exemplo, FERNANDES, Florestan, *A questão da USP*. São Paulo. Brasiliense, 1984; CARDOSO, Irene de A. Ribeiro, *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo. Autores Associados/Cortez, 1982; BOSI, Alfredo, “Um testemunho do presente” In MOTA, Carlos Guilherme, *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. 4º ed., São Paulo. Ática, 1980, entre outros.

⁵ Cf. CAPELATO, M. H., GLÉZER R. & FERLINI, V. L. A. – “A escola uspiana de história”, In *Estudos Avançados*, São Paulo. IEA/USP, 22: 349-358, 1994.

aos dias atuais⁶. Existe um conjunto de iniciativas de compreensão e explicação da produção histórica no Brasil que demanda a continuidade e aprofundamento das análises e interpretações já empreendidas.

O estudo do impacto da renovação do conhecimento histórico e da posterior repercussão na produção historiográfica universitária, sulcando profundamente este campo de investigação, através da implementação de projetos intelectuais formulados por Braudel em sua primeira estada brasileira comporta dois desdobramentos. Inicialmente, identificar, compreender e analisar as ações empreendidas pela primeira geração de historiadores formados pela FFCL/USP, no período 1935-1956. Esta delimitação é justificada por um conjunto de circunstâncias que a singularizam. Em primeiro lugar, figura o progressivo distanciamento de Fernand Braudel das temáticas latino-americanas, em geral, e brasileiras, em particular, a partir de 1953. Desde então, Braudel direcionou seus interesses para o estudo da formação histórica do capitalismo, embora não abandonasse os antigos relacionamentos intelectuais, profissionais e institucionais, erguidos nas décadas passadas. Paralelamente, Braudel esteve dedicado a inúmeras atividades de organização, administração, divulgação, ensino e pesquisa em instituições francesas. Em segundo lugar, neste mesmo marco temporal, figura a consolidação institucional da FFCL/USP, acompanhada pelo estabelecimento administrativo, profissional e intelectual de seus alunos no Brasil, em postos semelhantes na vida universitária brasileira. Os projetos intelectuais individuais, como o atendimento das exigências formais de pesquisa e titulação acadêmica, e coletivos como a organização de uma entidade de congregação e ação conjunta de historiadores e a publicação da *Revista de História* estavam materializados em 1950. Neste mesmo ano, Fernand Braudel iniciou suas atividades no *Collège de*

⁶ *A pesquisa histórica no Brasil*. 4ª ed.. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1982, e *História da história do Brasil*. São Paulo. Companhia Editora Nacional/INL, 1978-1988 (2 vols.); *A história em questão*. Petrópolis. Vozes, 1976; *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*, já referido; *A história no Brasil (1980-1989)*. Ouro Preto. UFOP, 1992 (Vol. I); *Produção histórica no Brasil: 1985-1995*. São Paulo. CNPq/DH/FFLCH/USP/ANPUH, 1995 e *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru. EDUSC, 1999, respectivamente.

France, coroando uma trajetória intelectual e profissional bem sucedida para os padrões franceses⁷.

O recorte temporal 1935-1956 merece atenção, uma vez que esses anos representaram uma fase crucial para os estudos históricos no Brasil. Inúmeras obras de síntese e monográficas sobre o passado brasileiro foram produzidas à margem dos estudos realizados no circuito universitário, nucleadas em distintos pontos do país e com variado grau de relevância historiográfica. Entre as mais significativas destacam-se as de Sérgio Buarque de Holanda, Ernani Silva Bruno, Mário Neme, Heitor Ferreira Lima e Maurício Goulart, em São Paulo, Gilberto Freyre e Amaro Quintas, em Pernambuco, Nelson Werneck Sodré, Octávio Tarquínio de Souza, Américo Jacobina Lacombe, Hélio Vianna, Pedro Calmon e José Honório Rodrigues, no Rio de Janeiro, e Affonso Ruy, na Bahia. Por outro lado, deu-se a própria consolidação do sistema universitário em São Paulo, iniciado em 1934, e, conseqüentemente, do padrão de trabalho intelectual implícito neste, onde as práticas do ensino e da pesquisa estavam bastante associadas. As décadas de 1930-1950 conheceram os resultados desta interação, como as teses universitárias dos historiadores da primeira geração da FFCL/USP, apresentadas entre 1942-1951⁸, ou as obras de Roberto C. Simonsen e de Sérgio Milliet, por exemplo, derivadas de cursos que ministraram na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo⁹. As décadas seguintes assistiram à crescente inserção da FFCL/USP na vida cultural da cidade de São Paulo¹⁰.

⁷ O ingresso de Fernand Braudel nessa instituição foi saudado por Eduardo D'Oliveira França, seu ex-aluno no Brasil, nas páginas 121-122 do primeiro número da *Revista de História*, em 1950. Sobre este episódio e seu significado na biografia intelectual de Braudel, ver MARTINEZ, Paulo Henrique, "*Fernand Braudel ou o sorriso da história*", IN CATANI, Afranio M. e MARTINEZ Paulo H. (Orgs.) *Sete ensaios sobre o Collège de France*. São Paulo. Cortez, 1999.

⁸ Entre outras, destacam-se as de Eurípedes Simões de Paula, *O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev*. São Paulo. USP/FFCL, 1942 (Boletim XXVI) e *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade*. São Paulo. USP/FFCL, 1946 (Boletim LVII); Eduardo D'Oliveira França, *Portugal na época da restauração*. (1951) São Paulo. Hucitec, 1997; Alice Pieffer Canabrava, *O comércio português no Rio da Prata*. São Paulo. USP/FFCL, 1944 (Boletim XXXV).

⁹ Respectivamente, *História econômica do Brasil*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1937 e *Roteiro do café e outros ensaios*. (1938). 2ª ed., São Paulo. Hucitec, 1982.

Há também uma série de fatos pessoais e institucionais, isolados e independentes entre si, porém não desconexos, ocorridos em 1956. A convergência de alguns desses acontecimentos, por sua vez, autoriza o estabelecimento desta data como marco temporal divisor de momentos distintos na historiografia paulista. Na FFCL/USP, o ano assinalou o desmembramento da 5ª Subseção, a de Geografia e História, separando definitivamente o destino administrativo e pedagógico destas disciplinas. Seria necessário mensurar os desdobramentos posteriores a essa data, no tocante ao diálogo entre Geografia e História naquela instituição. Esta convivência compulsória era derivada do período da criação da FFCL, guardando a marca do espírito francês de colaboração entre as duas áreas do conhecimento, semelhante àquele proposto e desejado por Lucien Febvre¹¹.

Aquele mesmo ano registrou, ainda, o ingresso de Sérgio Buarque de Holanda na cátedra de História da Civilização Brasileira da FFCL/USP, ocupada pelo professor Alfredo Ellis Júnior. A presença daquele historiador foi apontada por Fernando Novais como um ponto de inflexão na renovação do estudo, ensino e pesquisa em história do Brasil naquela Faculdade¹². A conduta do autor de *Raízes do Brasil* à frente daquela cadeira teria impulsionado o distanciamento de um padrão de trabalho intelectual dissonante daquele existente em outras cadeiras, marcadas pela presença dos professores estrangeiros, embora também distinto destes últimos. Até então, segundo Novais, o conhecimento histórico sobre o Brasil era realizado nos moldes de uma historiografia de cunho predominantemente narrativo e descritivo, atenta aos acontecimentos e aos aspectos individuais, factuais, militares e diplomáticos da vida colonial e nacional. As fontes primárias gozavam de um estatuto insuspeito,

¹⁰ Cf., por exemplo, FERNANDES, Florestan, *A sociologia no Brasil*. Petrópolis. Vozes, 1977; GAMA, Lúcia Helena, *Nos bares da vida*. São Paulo. SENAC, 1998 e ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento, *Metrópole e cultura*. Bauru, EDUSC, 2001.

¹¹ *La terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire*. Paris. La Renaissance du Livre, 1922, por exemplo.

¹² “Fernando Novais: Braudel e a ‘missão Francesa’”. Entrevista, In *Estudos Avançados*, São Paulo. IEA/USP, 8 (22): 161-166, 1994, p. 165.

de caráter probatório, resultando em uma intensa prospecção e edição de documentos históricos. Esta prática historiográfica deitava longas raízes na tradição intelectual brasileira, remontando aos estudos e conhecimentos gerados em instituições como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ou o Museu Paulista. Na década de 1950, ainda desfrutava de grande vigor e prestígio intelectual e oficial, visíveis, por exemplo nas comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, ocorridas em 1954.

Ao demarcar o raio de ação dos historiadores universitários, através dos projetos intelectuais de sua produção acadêmica, da organização da Sociedade de Estudos Históricos e da *Revista de História*, pode-se contribuir também para o conhecimento do ambiente cultural paulista, nas décadas de 1940-1950, onde a FFCL/USP comparia como “um dos principais redutos humanistas de São Paulo”¹³.

Na historiografia francesa, 1956 foi também um ano singular. A biografia intelectual de Fernand Braudel registrou sua ascensão à presidência da IV Seção da *École Pratique des Hautes Études*. A consagração profissional e intelectual de Braudel, na França, adquire maior relevância quando observado que foi ele um importante veiculador da concepção do trabalho dos historiadores que vingou entre os membros da primeira geração de historiadores da FFCL/USP. Os sucessivos triunfos profissionais de Braudel estiveram escorados em um conjunto de fatores que não cabe explorar aqui. Basta lembrar a rede de sociabilidades intelectuais que tracejou nos Estados Unidos, países europeus e latino-americanos, entre os quais o Brasil¹⁴. Portanto, uma reflexão como esta pode também agregar outros elementos à biografia intelectual de Fernand Braudel, colaborando para elucidar aspectos de uma importante fase da vida desse historiador.

A morte de Lucien Febvre, guia dos *Annales* e importante referência na reflexão histórica de Fernand Braudel, ocorrida em 1956, ata a cadeia de episódios

¹³ Cf. Carlos Guilherme Mota, “Uma trajetória: Lucien Febvre”, In *Lucien Febvre: história*. 2ª ed., São Paulo. Ática 1992 (Organização de Carlos Guilherme Mota), p. 22.

¹⁴ Cf. Carlos Antonio Aguirre Rojas, *Braudel y las ciencias humanas*. Barcelona. Montesinos, 1996.

confluentes que fazem deste ano um pronunciado divisor de águas no cenário dos estudos históricos na França e no Brasil. Desta data em diante, Braudel imperou como continuador incontestado e legítimo herdeiro de uma dinastia intelectual, entronizada nos *Annales*. Estava aberto o caminho para a consagração do autor d'*O Mediterrâneo* e da “era Braudel”, na qual reinaram os historiadores.

O ano 1956, coincidentemente, emerge como um momento de reacomodação individual e institucional na produção do conhecimento histórico, tanto na FFCL/USP, quanto nas fileiras da moderna historiografia francesa, capitaneada pelos *Annales*. Na primeira situação através do desmembramento da 5ª Subseção – Geografia e História e do ingresso de Sérgio Buarque de Holanda na cadeira de História da Civilização Brasileira. Na segundo caso, com a morte de Lucien Febvre e a ascensão de Fernand Braudel, via condução do periódico e da IV Seção da *École Pratique des Hautes Études*.

O estudo do percurso profissional e intelectual da primeira geração de historiadores universitários, em São Paulo, constitui, assim, um caminho estimulante para análises das condições do trabalho intelectual, no passado, em contraste com o presente. Tendo a produção do conhecimento histórico como chave específica, através do exame das condições, limites, desafios e objetivos de realização do *métier d'historien* no Brasil, abre-se uma via de comunicação com as expectativas e dificuldades operacionais dos estudiosos das diversas áreas das ciências sociais nos dias que correm. Ao apreender o conteúdo das práticas intelectuais destes historiadores, seus projetos institucionais, profissionais e culturais, penetra-se no cerne de um sistema de idéias e valores que sustentou um padrão de produção e difusão do conhecimento. Torna-se possível conhecer, e com maior nitidez, a repercussão e o significado que essa prática teve no meio cultural e universitário de São Paulo, detectando seus traços peculiares e contribuições representativas para os estudos históricos no Brasil.

A consecução de tais metas pode resultar de três tarefas de investigação. Inicialmente, um mapeamento das relações entre a produção dos historiadores brasileiros, formados sob o influxo da presença de Fernand Braudel e outros mestres franceses que aqui estiveram e receberam acolhida intelectual. A base inicial pode ser a

reconstrução do ambiente intelectual e institucional reinante na FFCL/USP, entre 1935-1956, bem como os dilemas sociais e culturais que assombraram os corações e as mentes dos homens na década de 1930-1950. Promover uma visão do conjunto da vida institucional e cultural no período constitui um primeiro e importante passo.

Em segundo lugar, o esclarecimento das influências teóricas e metodológicas da moderna historiografia francesa nos estudos históricos realizados em São Paulo. Esta conduta pode agregar mais informações e detalhes para o conhecimento e o estudo das relações culturais entre Brasil e França, particularmente no que se refere à experiência de cooperação científica, materializada na presença de professores franceses, ao lado de outros estrangeiros, na implantação da Universidade de São Paulo, a partir de sua criação em 1934¹⁵. Este exame permite demarcar, com maior rigor e clareza, o raio de ação e repercussão da presença de Fernand Braudel na produção historiográfica nacional e detectar a existência de diálogos teóricos e metodológicos com outros historiadores franceses. O contato aprofundado com as formulações e reflexões históricas de Fernand Braudel e os aspectos relevantes de sua biografia intelectual constituem um outro aspecto de investigação e conhecimento a ser explorado. Torna-se, então, imperativo reunir maiores elementos sobre a passagem da missão francesa na USP e a presença de Braudel no Brasil, em particular, inclusive no breve período em que esteve no país pela segunda vez, entre maio e dezembro de 1947. A notoriedade adquirida posteriormente chama a atenção para esta experiência intelectual dos historiadores franceses no Brasil¹⁶.

¹⁵ Ver, entre outros, CAPELATO, M. H. & PRADO, M. L. C. – “À l’origine de la collaboration franco-brésilienne: une mission française à la Faculté de Philosophie de São Paulo”. In *Préfaces*, Paris, 14: 100-105, 1989; CARELLI, Mário – *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas. Papirus, 1994; LEFÈVRE, Jean Paul – *Les missions universitaires françaises au Brésil dans les années 1930*. Vingtième Siècle – Revue d’Histoire, 38, 1993 e MARTINIÈRE, Guy – *Aspects de la coopération franco-brésilienne*. Grenoble. Press Universitaire de Grenoble, 1982.

¹⁶ Em entrevista a Didier Eribon, por exemplo, Claude Lévi-Strauss atribuiu a Braudel um papel de destaque entre os professores da “missão francesa”, por ser o mais velho entre eles. Cf. *De perto e de longe*. Trad. L. Mello e J. Leite. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.

Por fim, apreender as especificidades presentes e derivadas dessa abordagem ampla e geral. Antes de mais nada, um conhecimento da formação acadêmica e profissional da primeira geração de historiadores, tomada em conjunto, produto do ensino universitário e que marcou a investigação histórica nas décadas de 1940-1950, com forte influência nos anos posteriores, dentro e fora da Universidade de São Paulo. O foco de análise pode ser apontado para a produção intelectual dessa geração que congrega os alunos de Fernand Braudel. Este procedimento possibilita aferir a absorção das formulações “braudelianas” e dos demais professores franceses, bem como a intensidade que conheceu, o uso e os resultados desta experiência cultural e historiográfica na institucionalização profissional dos historiadores no Brasil. Um número expressivo de alunos de Fernand Braudel na FFCL/USP prosseguiu trabalhando nos mistérios do conhecimento histórico, alcançando projeções destacadas no cenário historiográfico, intelectual e universitário nesse período.

Este foi o caso de Eurípedes Simões de Paula, por exemplo. Assistente da cadeira de História da Civilização e, posteriormente, catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval, na qual realizou, entre outros estudos, o doutoramento, teve destacada atuação institucional e intelectual nos estudos históricos, entre 1940-1980. Ocupou inúmeros cargos na administração da FFCL e da própria Universidade de São Paulo, sendo, ainda, um dos principais animadores do projeto da *Revista de História* e da expansão do ensino de história nas décadas seguintes¹⁷. Trajetória semelhante tiveram outros alunos de Braudel, na docência, na pesquisa, nas atividades organizacionais do estudo da história e administrativas na FFCL e na USP, como Alice Pieffer Canabrava, Eduardo D'Oliveira França, Odilon Nogueira de Matos, Astrogildo Rodrigues de Melo, ou fora dela como Caio Prado Júnior. Este último, integrante da primeira turma de alunos do curso de Geografia e História da FFCL/USP, embora não tenha ocupado posições institucionais, detém lugar destacado na historiografia brasileira. Na condição de aluno dos professores franceses, Braudel

¹⁷ Cf. *In Memoriam de Eurípedes Simões de Paula*. São Paulo. FFLCH/USP, 1983.

entre eles, não ficou imune aos ensinamentos e métodos de análise da geohistória, por exemplo, e participou da criação da Sociedade de Estudos Históricos, em 1942, ao lado de seus antigos colegas da turma de 1934-1936 na FFCL¹⁸. Os vínculos intelectuais de Caio Prado Júnior com a primeira geração de historiadores universitários também podem ser melhor conhecidos e explicitados.

Articulado a esse diagnóstico, pode-se analisar o papel e o impacto provocado pelos projetos intelectuais decorrentes da presença de Fernand Braudel na FFCL/USP, tais como os estudos históricos ali desenvolvidos, a prática pedagógica do ensino de história, a organização da Sociedade de Estudos Históricos e a publicação da *Revista de História*. Igualmente, o conhecimento da própria trajetória intelectual de Fernand Braudel pode ser enriquecido, uma vez que este conferiu, inúmeras vezes, uma importância primordial à temporada brasileira em sua formação e carreira de historiador¹⁹. O capítulo de sua biografia intelectual referente aos momentos em que esteve dedicado ao estudo dos problemas históricos do Brasil e do conjunto da América Latina, demarcado por Carlos Antonio Aguirre Rojas pelas balizas 1935-1953, certamente poderá adquirir contornos mais nítidos²⁰.

As respostas a essas indagações podem elucidar as formulações de Fernand Braudel e sua relação com a historiografia paulista, o papel, as características locais e o alcance do relacionamento intelectual dos historiadores universitários da primeira geração da FFCL/USP com a historiografia francesa em meados do século XX.

Uma vez rastreado o percurso intelectual e acadêmico dos alunos de Braudel no Brasil, ainda que em linhas gerais, da ação conjunta desta geração de historiadores, pode-se alargar os interesses e concentrar atenções na implementação de

¹⁸ Sobre a passagem desse historiador pela FFCL/USP ver MARTINEZ, Paulo Henrique, *A dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Júnior (1928-1935)*. São Paulo. FFLCH/USP, 1998 (Tese de Doutorado – História) Mimeo..

¹⁹ Cf. *Uma Lição de História de Fernand Braudel*. Trad. L. Magalhães. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1989, p. 163.

²⁰ *Braudel a debate*. México. JGH, 1997, ps. 69-87.

projetos intelectuais e institucionais específicos. A organização da Sociedade de Estudos Históricos e a criação da *Revista de História*, foram levadas a cabo pelos primeiros historiadores universitários formados em São Paulo. Em ambos casos, o desafio primordial reside na prospecção de documentos e informações sobre o surgimento destas entidades e a análise da implantação de seus respectivos projetos.

Estas diretrizes de pesquisa dispõem, para sua realização, de um elenco de fontes e documentos bastante extenso, variado e, sobretudo, disperso. Um roteiro de busca e classificação de dados é proposto aqui segundo os conjuntos de documentos disponíveis, aos quais outros podem ser agregados.

Os *Anuários* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, referentes ao período 1934-1956, pelo caráter serial e informativo, constituem importante núcleo documental sobre a organização, funcionamento e a produção do conhecimento histórico na instituição. Estes *Anuários* registram, ano a ano, a organização e o funcionamento das atividades pedagógicas, científicas, administrativas e de divulgação promovidas pela FFCL/USP, contendo programas de cursos, roteiros e orientações didáticas adotadas, nomes e número de alunos, produção acadêmica e *curricula* dos docentes, entre outros dados relevantes para os propósitos de uma pesquisa. O estudo e a análise destas informações permitem estabelecer o traçado inicial dos estudos históricos realizados na FFCL/USP, podendo ser complementados com a consulta aos arquivos administrativos desta instituição.

O levantamento e estudo da documentação sobre a Sociedade de Estudos Históricos é de grande valia para a compreensão dos projetos intelectuais derivados da presença de Fernand Braudel e demais historiadores franceses em São Paulo. A identificação dos objetivos, formas de organização, trabalho e atividades desenvolvidas por esta entidade deve contribuir para o conhecimento da consolidação, realização e promoção dos estudos históricos no Brasil. Os propósitos e a atuação da Sociedade de Estudos Históricos podem, então, fornecer elementos para uma comparação com o ação de outras entidades locais e nacionais, igualmente dedicadas aos estudos históricos. Os arquivos pessoais dos historiadores da primeira geração constituem o principal núcleo de dados e informações sobre essa entidade associativa.

No caso da *Revista de História*, uma análise meticulosa pode contemplar o conteúdo dos 28 fascículos do período 1950-1956 com o objetivo de rastrear a veiculação de propostas teóricas e metodológicas da historiografia francesa, em geral, e as de Fernand Braudel, em particular, para o estudo, a pesquisa e o ensino da história. Os números 1 a 28 da *Revista de História*, publicados com regularidade semestral, integram um núcleo de interesses e fonte privilegiada de dados e informações qualitativas sobre as formulações teóricas e metodológicas veiculadas pelos alunos de Fernand Braudel no Brasil. Um levantamento sistemático dos autores, temas, resenhas de livros, promoção e divulgação de atividades, informes, debates e polêmicas presentes nestes números, permite refinar a análise dos projetos intelectuais da primeira geração de historiadores universitários e a ressonância das formulações de Braudel no campo do conhecimento histórico a partir da FFCL/USP.

A investigação empírica não pode prescindir de um levantamento das publicações de Fernand Braudel no Brasil, particularmente nos anos em que permaneceu no país. Nestes anos, Braudel colaborou, com alguma regularidade, em periódicos nacionais como o jornal *O Estado de S. Paulo* e a revista *Filosofia, Ciências e Letras*, dos alunos da FFCL/USP. Uma “varredura” mais atenta em distintas publicações periódicas da época pode trazer agradáveis surpresas para o estudo da gestação, divulgação e recepção das formulações francesas, em geral, e de Braudel, em particular, no Brasil.

A consulta a outros arquivos pessoais e institucionais também figura como uma das possibilidades para pesquisas. O Centro de Apoio à Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda (CAPH) do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, abriga o arquivo de Eurípedes Simões de Paula. Este constitui um bom ponto de partida para a coleta de dados e informações sobre o relacionamento e a ação intelectual e institucional dos alunos de Braudel. O Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM) reúne um numeroso e variado acervo, contendo depoimentos e informações sobre a disseminação do ensino superior no Estado de São Paulo, inclusive os cursos de História. Algumas instituições francesas conservam núcleos documentais das atividades desenvolvidas por Fernand Braudel no período aqui estudado, como o *Collège de*

France, por exemplo. A organização e classificação dos dados coletados nessas fontes pode ditar a necessidade de recorrer à tomada de depoimentos e entrevistas dirigidas com pessoas que conviveram, participaram e estudaram as experiências e projetos intelectuais desse período. Iniciativas de registro de informações e avaliações, através de testemunhos individuais, podem ser desenvolvidas como importante recurso na geração e análise de dados.

O exame da produção acadêmica significativa dos alunos de Fernand Braudel, principalmente as teses universitárias, confrontada com os dados agrupados por outros métodos e técnicas de pesquisa, possibilita a definição de um elenco de indicadores úteis para a aferição da presença das formulações deste e demais historiadores franceses na historiografia gestada na FFCL/USP. O roteiro sugerido a seguir não pretende ser completo e exaustivo, mas apenas abrir um leque de possibilidades, com informações detalhadas e uma vista geral, que possa servir de plataforma para estudos mais aprofundados sobre a especificidade das obras e das interpretações históricas de cada um dos nomes que compõem este grupo seminal de historiadores universitários paulistas.

A presença da *geohistória* como método de análise nos estudos históricos, no referido marco temporal, seus usos, difusão, aceitação e os resultados investigativos a que conduziu, deve ser avaliada na produção e nos projetos intelectuais dos alunos de Braudel no Brasil²¹. A valorização da contribuição que a geografia poderia oferecer ao conhecimento histórico foi realizada por Lucien Febvre, no livro *La terre et l'évolution humaine*, publicado em 1922. Na França da primeira metade deste século, o diálogo entre a geografia e a história gerou frutos robustos, como atestam

²¹ Caberia à *geohistória* refletir sobre as realidades do passado com os métodos e o instrumental analítico dos geógrafos. Os historiadores são convocados a dar maior atenção ao espaço, aos obstáculos naturais e aos esforços humanos para superá-los, checando assim a “formidável permanência” das condições geográficas ao longo da história. A convergência de ações da história e da geografia foi proposta como a melhor maneira para entender e conhecer a história da humanidade. Cf. BRAUDEL, Fernand. *El Mediterráneo y el mundo mediterráneo en la época de Felipe II*. Trad. M. M. Toledo, W. Roses y V. Simón. México. Fondo de Cultura Económica, 1953, ps. 317-327.

Les caractères originaux de l'histoire rurale française (1931), de Marc Bloch, *O Mediterrâneo e mundo mediterrânico na época de Felipe II* (1949), do próprio Fernand Braudel, ou *La société aux XI et XII siècles dans la région Mâconnaise* (1953), de George Duby. Ainda que Lucien Febvre tivesse em mira a Geografia francesa, capitaneada por Vidal de La Blache, em oposição a certo determinismo geográfico, vislumbrado a partir de obras da geografia alemã, convém registrar a presença da Geografia nos estudos históricos produzidos no Brasil, em momentos anteriores ao da criação da Universidade de São Paulo. As interpretações de Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha e Oliveira Viana, por exemplo, têm na perspectiva geográfica (Ratzel, no caso do primeiro, Febvre, no caso do último) uma referência intelectual bastante sintomática e ordenadora de suas reflexões. Caio Prado Júnior foi um dos alunos de Braudel que incorporou a perspectiva geográfica nos estudos históricos. Neste caso particular, ela brota de duas fontes: Oliveira Viana, por absorção indireta, e do diálogo entre Geografia e História promovido pelos professores franceses da FFCL/USP, Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, na cadeira de Geografia Física e Humana, e de Fernand Braudel, na cadeira de História da Civilização.

Por fim, há extensa e variada bibliografia que pode fornecer instrumentos analíticos que orientem a seleção, classificação e interpretação dos dados obtidos na execução das diversas possibilidades de pesquisa aqui sugeridos. Um levantamento de autores e obras que atendam a um feixe de preocupações gerais e específicas sobre o conhecimento da trajetória dos estudos históricos no Brasil, particularmente a adoção do modelo universitário como padrão de trabalho intelectual, a história institucional da FFCL/USP, as formulações teóricas e metodológicas presentes nas obras e a biografia intelectual de Fernand Braudel, a historiografia francesa dos *Annales*, o ambiente cultural brasileiro e francês das décadas de 1940-1950, a produção intelectual da primeira geração de historiadores universitários paulistas, a Geografia francesa, particularmente de Paul Vidal de La Blache, os referenciais teóricos de análise histórica formulados por Henri Pirenne, Lucien Febvre e Marc Bloch, podem conduzir a outras hipóteses e campos de trabalho sobre o ofício dos historiadores nas universidades brasileiras.